

CONFIDENCIAL

Do: Prof. Roque de Barros Laraia
 Ao: Prof. Olimpio Serra, da FUNAI

Atendendo ao convite que nos foi formulado, estivemos nos dias 17 a 20 de maio de 1974, na fazenda Canoanã, situada na margem direita do braço direito do rio Araguaia, defronte a aldeia dos índios Javaé. O nosso objetivo era o de verificar a situação real do contato com os índios Avá-Canoeiros. Participaram da viagem, a professora Ana Maria Paixão e a estagiária Isa Maria Pacheco Rogedo.

Em Canoanã, encontramos o sertanista José do Carmo, em companhia da família Canoeiro, constituída de Itotawa (homem de cerca de 30 anos), Inhakomy (sua esposa, de aproximadamente a mesma idade), Makakyrá (sua filha de 12 anos e Potykawa (seu filho de 2 anos). Um outro índio, que foi removido para Goiânia, faleceu vítima de bronco - pneumonia. Os demais Avá-Canoeiros, para a nossa surpresa, continuam internados nas matas vizinhas, arredios ao contato.

Constatamos, então, que os resultados da pacificação, anunciada em fins de novembro de 1973, são ainda parciais, tendo em vista que a frente de atração somente conseguiu agarrar estes 5 índios, após terem os demais fugidos diante da detonação de fogos de artifícios, necessária para evitar a morte dos membros da expedição. Cumpre lembrar que um xavante foi seriamente ferido pelos Canoeiros.

Em nosso diálogo difícil com Itotawa somente pudemos entender que um terceiro filho permanece na mata juntamente com os outros índios. E Tuty, o índio que morreu em Goiânia, era (salvo engano) noivo de Makakyrá.

Durante a nossa permanência e através de informações de José do Carmo, soubemos que Itotawa e seus familiares, costumam se afastar da fazenda, durante muitas horas, e em seu regresso tem ocasionalmente trazido objetos indígenas, o que torna bastante viável a hipótese de que estão entrando em contato com os outros índios. Tal fato sugere as seguintes medidas:

19) A construção de um acampamento, junto ao Lago Azul (distante 10 quilômetros da fazenda), pois dificilmente os outros índios teriam coragem de se aproximarem da fazenda. Por outro lado, esta medida diminuiria para Itotawa (e seus familiares) a probabilidade de novos contágios de doenças, que podem ser fatais.

29) A aceleração do contato parece ser bastante urgente, pois Itotawa, ao que tudo indica, pode se constituir num veículo de dizimação de sua tribo, através da gripe. Seria lamentável se os Avã-Canoeiros fossem vitimados por uma epidemia, em local onde não poderiam ser socorridos.

Para que tais medidas fossem viáveis, é necessário atender as solicitações do sertanista José do Carmo, que consistem na manutenção de seu jipe, no envio de dois auxiliares de sertão e de verbas necessárias para a execução de seu trabalho.

Por outro lado, seria conveniente a utilização de um intérprete Tupi (Tapirapé ou Guajajara), tendo em vista que não existe mais dúvida sobre a filiação linguística dos Avã-Canoeiros: trata-se sem dúvida de um dialeto Tupi, o que comprovamos com a troca de frases curtas ou a coleta de nomes de partes do corpo humano e dos principais astros.

Estas são as observações que pretendíamos fazer. Acreditamos que completar a pacificação dos Avã-Canoeiros não é mais uma tarefa difícil, mas é urgente, devido a possibilidade de contágio.

Cumpre, por fim, salientar que a situação de Itotawa e de sua família indica que terão possibilidades de sobreviver ao contato. Estão bem alimentados, medicados e o tratamento que lhes é dado pelo sertanista José do Carmo é excelente. Toda a população regional está admirada da dedicação que o mesmo devota aos Avã-Canoeiros. E nós constatamos isto também.

Brasília, 27 de maio de 1974